

# DISGRAFIA E DISORTOGRAFIA: CONCEITUAÇÃO E DIFERENÇAS

Michele Aparecida Cerqueira Rodrigues<sup>1</sup>

## RESUMO

Vive-se diante de uma quantidade alta de informações diárias recebidas, e durante uma busca na internet é possível obter inúmeras referências acerca das dificuldades de aprendizagem. Contudo, faz-se importante analisar os dados de maneira crítica a fim de verificar a veracidade do conteúdo. Sob essa perspectiva o objetivo deste artigo versa na necessidade de esclarecer as diferenças entre a disortografia e a disgrafia. Por meio de pesquisa exploratória de cunho bibliográfico foram encontrados 14 artigos. A partir do método PRISMA, encontrou-se 28% de relevância para fins de aprofundamento. Percebeu-se a relevância em se expor as diferenças entre a disgrafia e a disortografia com o intuito de prover aos docentes e profissionais da educação material para estudo. Por fim, constatou-se a necessidade do aumento de publicações relacionados ao tema para disseminação da ciência e suporte a área acadêmica.

**Palavras-chaves:** Disortografia. Disgrafia. Dificuldade de aprendizagem. Conceituação.

## ABSTRACT

We live with a high amount of information received daily, and during a search on the internet it is possible to obtain numerous references about learning difficulties. However, it is important to analyze the data critically in order to verify the veracity of the content. From this perspective, the objective of this article is the need to clarify the differences between dysorthography and dysgraphia. Through exploratory bibliographic research, 14 articles were found. From the PRISMA method, 28% of relevance was found for in-depth analysis. The relevance of exposing the differences between dysgraphia and dysorthography was perceived

---

<sup>1</sup> Pós-doutora em Psicologia. Doutora em Ciências da Educação. Coordenadora Pedagógica do SESI SP. Michele.profmatematica@gmail.com.

in order to provide teachers and education professionals with material for study. Finally, there was a need to increase publications related to the topic for the dissemination of science and support for the academic area.

**Keywords:** Dysortography. Dysgraphia. Learning difficulty. Conceptualization.

## 1 INTRODUÇÃO

A internet facilita a busca por informações nos dias atuais, contudo é necessário filtrá-las com a intenção de verificação da veracidade. Desta forma, vê-se importante analisar as pesquisas científicas promovendo um debate rico acerca das dificuldades de aprendizagem.

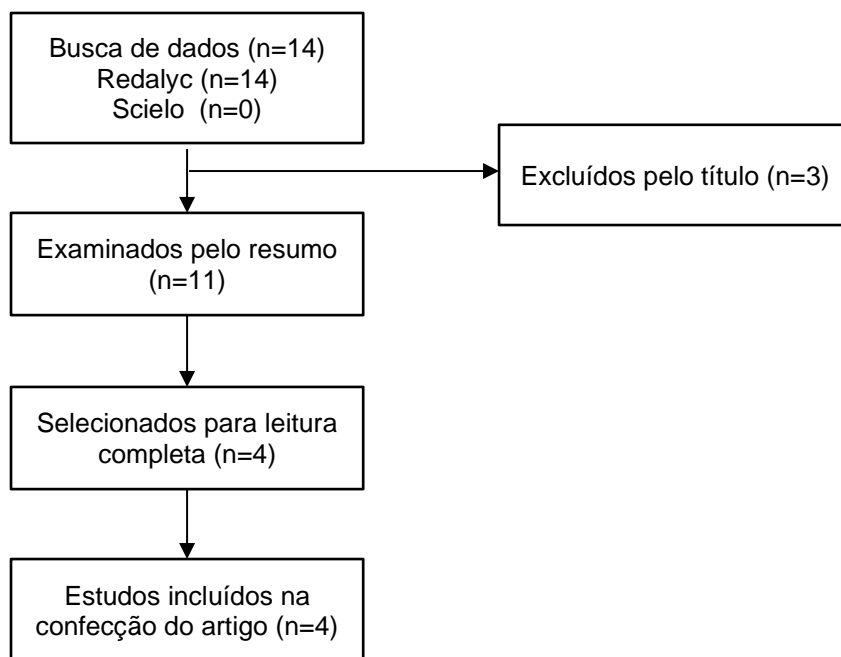
O tema pesquisado é derivado da necessidade em esclarecer equívocos relacionados a disgrafia e disortografia durante buscas pelo tema na internet. Além disso, demonstrar a importância da curadoria de materiais em fontes confiáveis em base de dados científicas como Scielo e Redalyc.

Apresenta-se um breve panorama dos artigos presentes nestas bases e, a partir dos resultados obtidos confronta-se as informações contidas no que diz respeito aos conceitos da disgrafia e da disortografia. Por fim, busca-se demonstrar as principais causas e a origem de ambos os transtornos.

## 2 PANORAMA DOS ARTIGOS COM FOCO EM DISORTOGRAFIA E DISGRAFIA

Para realização desta pesquisa, foram pesquisadas as bases Redalyc e Scielo. No Redalyc, encontrou-se 14 artigos oriundos da busca booleana “disgrafia AND disortografia AND educação AND diferença” e da utilização do filtro de disciplina “Educação”. Na base Scielo não foram encontrados dados para os mesmos requisitos anteriores (Figura 1).

Figura 1 – Seleção de artigos



Fonte: elaborado pela autora.

Dos artigos analisados por meio do método PRISMA, restaram 4 que se encaixam no objetivo desta pesquisa em esclarecer as diferenças entre a disortografia e a disgrafia. A inspiração veio do fato de, a partir da experiência empírica, se perceber equívocos em relação a ambas. Os artigos selecionados serão estudados para embasar a concepção prévia apresentada (Tabela 1).

Tabela 1 – Artigos finais

#	Base	Idioma	Autor(es)	Ano	Título
1	Redalyc	português	Lais Donida, Soeli Francisca Mazzini Monte Blanco	2021	Dificuldades de leitura, escrita e numeramento na educação superior: discussões acerca da reprodução das desigualdades sociais
2	Redalyc	português	Elisabeth da Silva Eliassen, Ana Paula de Oliveira Santana	2020	O discurso sobre a dislexia no dsm-5 e suas implicações no processo de medicalização da educação
3	Redalyc	português	Elaine Cristina Bortolatto Serafin, Antonio Serafim Pereira	2015	Dificuldades de aprendizagem no contexto das produções acadêmicas brasileiras (2001-2011)

#	Base	Idioma	Autor(es)	Ano	Título
4	Redalyc	português	Vitor Cruz	2011	Dificuldades de aprendizagem específicas: uma abordagem e seus fundamentos

Fonte: elaborado pela autora.

## 2.1 Conceitos de disortografia e disgrafia

As dificuldades de aprendizagens são derivadas de diferentes fatores, intrínsecos e extrínsecos, de ordem emocional, acadêmica, biológica, etc., causadora de desordens transitórias na aquisição e uso das habilidades escolares como leitura e escrita (CRUZ, 2011; SERAFIN & PEREIRA, 2015).

O transtorno, por sua vez, é algo persistente, com duração superior a seis meses, de ordem biológica e intrínseca e está inscrito nas classificações internacionais utilizadas pelos profissionais de saúde: Código Internacional de Doenças (CID-10) e Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) (APA, 2014; LIASSEN & SANTANA, 2020).

A disgrafia e a disortografia são transtornos relacionados a dificuldades inerentes à escrita. A disgrafia se atém ao disfunções no processo motor onde a criança apresenta “problemas na execução gráfica e de escrita das palavras” (CRUZ, 2011, p. 339). E a disortografia é um distúrbio mental na aquisição de habilidades de escrita, no qual durante a codificação e composição ocorrem dificuldades (APA, 2014).

Desta forma, a disgrafia se encaixa como um Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação (TDC)<sup>2</sup>, interferindo de maneira significativa no ato de escrever (APA, 2014). Nesse sentido, um artigo apresenta classificação equivocada tratando a disgrafia como sendo um Transtorno de Aprendizagem. (DONIDA & BLANCO, 2021).

Para ser considerado Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAp), a origem deve ser biológica na qual estão presentes prejuízos nas habilidades acadêmicas por um período maior do que seis meses, desempenho abaixo do esperado para a idade cronológica, com início nos anos escolares e não tem

---

<sup>2</sup> O Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação possui CID-10 inscrito por F82 e DSM-V por 315.4.

explicação em outros transtornos ou deficiências (APA, 2014).

Sob essa perspectiva a disortografia, é um TEAp com prejuízo na expressão escrita<sup>3</sup> onde o estudante comete erros de gramática e ortografia, possui falhas na ordenação e sequenciamento e expressão escrita (APA, 2014).

## **2.2 Disgrafia: origens e causas**

O TDC afeta a aquisição e execução das habilidades referentes a coordenação motora onde estas possuem desempenho abaixo do esperado para a idade cronológica, interferindo significativamente nas atividades cotidianas. Tem início nos primeiros anos de vida e as defasagens não podem ser explicadas por deficiência intelectual ou visual, ou condições neurológicas inapropriadas com prejuízo nos movimentos (APA, 2014).

Sendo assim, o TDC pode causar disfunções na eficiência gráfica do sujeito, afetando a fluência da escrita. Na disgrafia, a criança apresenta alterações na coordenação motora fina, causando problemas para traçar as letras e utilizar o espaço adequadamente.

Cinel (2003) afirma que existem cinco grupos de possíveis causas para a disgrafia: alterações na coordenação motora fina e ampla, alterações na coordenação visomotora, déficits na organização temporo-espacial, problemas de lateralidade e erros pedagógicos. Segundo Okuda et al. (2011), cerca de 10% a 30% dos indivíduos em idade escolar possuem disgrafia. Além disso, possuem alto índices de comorbidade com o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH).

Existem dois tipos de disgrafia, a funcional na qual os sujeitos possuem capacidade cognitiva dentro da normalidade, sem presença de problemas sensoriais ou lesões cerebrais. Do contrário, tem-se a denominada disgrafia orgânica (RODRIGUES, CASTRO & CIASCA, 2009). Neste artigo, estuda-se o primeiro tipo conforme descrito no DSM-V.

As regiões do cérebro afetadas pela disgrafia estão localizadas na região occipitoparietal do hemisfério direito e no lobo frontal (FAIA, 2020). Quanto a

---

<sup>3</sup> O Transtorno Específico de Aprendizagem com prejuízo na escrita possui CID-10 inscrito por F81.81 e DSM-V por 315.2.

origem, Garcia (1998) revela que a disgrafia pode ser motora, afetando os movimentos da escrita e, perceptiva, apresentando déficits na relação entre grafia e sistema simbólico.

Pessoas com disgrafia apresentam alguns indicadores como: apertar demasiadamente ou deixar relaxado o lápis ou a caneta ao escrever, descontrole na gesticulação gráfica, traçado lento e espaçamento irregular (Figura 1).

Figura 2 – Escrita disgráfica



Fonte: CINEL, 2003, p. 24.

### 2.3 Disortografia: origens e causas

A disortografia é um TEAp, ou seja, possui origem biológica com anomalias cognitivas que interferem na aprendizagem das habilidades acadêmicas. Atualmente, ela atinge entre 5% a 15% das crianças em idade escolar (APA, 2014; CRENITTE, 2019). De acordo com Fernández et al. (2011):

“Disortografia, portanto, compreende um padrão de escrita que foge às regras ortográficas estabelecidas convencionalmente, que regem determinada língua. Os escolares que começam a alfabetização com dificuldade para a aprendizagem da ortografia provavelmente chegarão ao final do ensino fundamental com dificuldades ortográficas.”

Pode-se detectar sinais de disortografia quando a criança: substitui letras por representações múltiplas (*carrossa* >> *carroça*), se apoia na forma oral (*tiatro* >> *teatro*), faz omissões (*cobinar* >> *combinar*), faz separações indevidas (*em bora* >> *embora*), confunde am com ão (*ficarão* >> *ficaram*), comete

generalizações (*chapel* >> chapéu) ou trocas entre letras (*ninquem* >> ninguém), acrescenta letras (*carata* >> carta), confunde letras semelhantes (telha >> tenha) e faz inversões (*secova* >> escova) (CRENITTE, 2019).

Figura 3 – Escrita disortográfica



Fonte: <https://pbs.twimg.com/media/DE4MEbYXgAIVCJg?format=jpg&name=small>. Acessado em: 17 jul. 2022.

Durante o processamento do processo de escrita, acontecem comprometimentos na representação ortográfica. Na apresentação de novas palavras a criança pode apresentar dificuldades em acessar ou construir a memória de longo prazo pela via ortográfica (SANTOS, 2014). Segundo Torres e Fernández (2002), são sete os tipos de disortografia existentes:

Tabela 2 – Tipos de disortografia

Tipo	Descrição	Sintomas
Temporal	Incapacidade de percepção clara dos aspectos fonéticos, tempo e ritmo da fala	Alteração na ordenação e separação dos elementos escritos
Perceptivo-cinestésica	Dificuldade na repetição de sons ouvidos	A articulação dos fonemas é substituída no ponto e no modo
Cinética	Dificuldade de ordenação e sequenciação dos elementos gráficos	Alteração do discurso no que se refere a sequência fonêmica, apresentando erros de separação e junção
Viso-espacial	Ocorrem “inversões ou rotações estáticas (p/d, d/q), alteração em	Alteração perceptiva para visualizar grafemas ou conjunto de grafemas



<b>Tipo</b>	<b>Descrição</b>	<b>Sintomas</b>
	grafemas com formatos parecidos (m/n, a/o) e confusão de letras de grafia dupla (ch/x, s/z)”	
Dinâmica	Problemas na expressão escrita	Alterações na forma de exprimir ideias escritas e sequenciar sintaticamente orações
Semântica	Falta de limites na escrita das palavras	Alterações na análise conceitual e uso de sinais gráficos
Cultural	Problemas na ortografia	Dificuldade em seguir as regras gramaticais da ortografia convencional

Fonte: elaborado pela autora adaptado de TORRES & FERNÁNDEZ, 2002, p. 86.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O número de pesquisas, relacionadas as disfunções da linguagem escrita, é ínfimo. Em relação ao panorama de incidência dos transtornos em crianças com idade escolar, de 10% a 30% possuem disgrafia e de 5% a 15% disortografia.

A disgrafia é um transtorno do desenvolvimento da coordenação com alterações motoras no processo de escrita. Em contrapartida a disortografia é um transtorno específico de aprendizagem envolvendo alterações no processo de aquisição das habilidades acadêmicas da escrita.

No que se refere a essas diferenças, apenas um dos artigos analisados apresenta o conceito equivocado de classificação da disgrafia como sendo um TEAp. Embora as origens sejam distintas, ambas interferem no aprendizado das crianças em idade escolar e perdura até a idade adulta.

É necessário dar foco nas pesquisas inerentes ao tema para averiguação das alterações dos processos mentais envolvidos nos transtornos a fim de permitir um entendimento maior das causas e possíveis amenizadores do problema.

Desta forma, os docentes podem melhorar os processos e metodologias pedagógicas com o intuito de promover a aprendizagem dos estudantes dentro de sala de aula.

### REFERÊNCIAS

APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5.**



American Psychiatric Association. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro. **Dificuldade e Transtorno de Aprendizagem**. [e-book]. São Paulo: Grupo de Estudos e Pesquisa em Escrita e Leitura, Universidade de São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.ptr.poli.usp.br/wp-content/uploads/sites/393/2019/07/Disturbios-Especificos-de-Aprendizagem.pdf>. Acessado em: 17 jul. 2022.

CINEL, Nora Cecília Bocaccio. Disgrafia: prováveis causas dos distúrbios e estratégias para a correção da escrita. **Revista do Professor**, v. 19, n. 74, p. 19-25, 2003.

CRUZ, Vitor. Dificuldades de aprendizagem específicas: uma abordagem aos seus fundamentos. **Revista Educação Especial**. v. 24, n. 41, p. 329–345, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X4113>. Acesso em: 16 jul. 2022.

DONIDA, Lais; BLANCO, Soeli Francisca Mazzini Monte. Dificuldades de leitura, escrita e numeramento na educação superior: discussões acerca da reprodução das desigualdades sociais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara. v. 16, n. 1, p. 341–360, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaae.v16i1.13551>. Acesso em: 16 jul. 2022.

FAIA, Adélia Maria de Barros Dias. **A Disgrafia à luz das Neurociências: Estudo de caso**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação de Fafe, Instituto de Estudos Superiores de Fafe, Medelo, Portugal, 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/35807/1/AD%C3%89LIA-%20disserta%C3%A7%C3%A3o..pdf>. Acesso em: 16 jul. 2022.

FERNÁNDEZ, Amparo Ygual et al. Avaliação e intervenção da disortografia baseada na semiologia dos erros: revisão da literatura. **Revista CEFAC** [online]. v. 12, n. 3, p. 499-504, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462010005000056>. Acesso em: 17 jul. 2022.

GARCÍA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Porto

Alegre: ArtMed, 1998.

LIASSEN, Elisabeth da Silva; SANTANA, Ana Paula de Oliveira. O discurso sobre a dislexia no DSM-5 e suas implicações no processo de medicalização da educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara. v. 15, n. esp5, p. 2883–2898, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15iesp5.14564>. Acesso em: 16 jul. 2022.

OKUDA, Paola Matiko Martins et al. Função motora fina, sensorial e perceptiva de escolares com transtorno do déficit de atenção com hiperatividade. **Jornal da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia** [online]. v. 23, n. 4, p. 351-357, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S2179-64912011000400010>. Acesso em: 16 jul. 2022.

SANTOS, Sirley Geyziana Brito dos Santos. **Disortografia: avaliação e intervenção no 5º ano do ensino fundamental**. 2014. Monografia (Especialização) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa/PA, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/16123/1/SGBS11092014.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SERAFIN, Elaine Cristina Bortolatto; PEREIRA, Antonio Serafim. Dificuldades de aprendizagem no contexto das produções acadêmicas brasileiras (2001-2011). **Roteiro**. v. 40, n. 2, p. 419–436, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.18593/r.v40i2.6887>. Acesso em: 16 jul. 2022.